

Análises histórico-sociais dos torna-viagens a partir da literatura portuguesa oitocentista

Ricardo Moreira Figueiredo Filho*

Resumo

Esse texto versa sobre a emigração portuguesa rumo ao Brasil e seus retornados “brasileiros” durante a segunda metade do século XIX e início do século XX. Partindo de análises históricas de obras literárias portuguesas referentes ao período mencionado, objetiva-se perceber os motivos do desterro, do retorno, o perfil dos torna-viagem e algumas consequências econômicas e culturais desses processos. Duas obras, com pontos de vista bem distintos em relação aos regressados, são enfatizadas neste estudo: *A brasileira de Prazins*, de Camilo Castelo Branco e *O brasileiro Soares*, de Luiz de Magalhães.

Palavras-chave: Retornados¹; Identificação cultural; Necessidades econômicas.

Durante a segunda metade do século XIX, a emigração portuguesa rumo ao Brasil promoveu importantes reflexos sociais, políticos e econômicos tanto para o país de acolhimento quanto para Portugal. O império tropical, após a extinção do tráfico negreiro em 1850, sob pressão dos cafeicultores do oeste paulista e das ideologias civilizatórias do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro – IHGB –, passou a recrutar trabalhadores europeus. Os portugueses constituem o segundo maior grupo de imigrantes registrados no país entre 1881 e 1930, chegando a trezentos mil lusitanos, cifra inferior apenas à dos italianos. (FAUSTO, 1998, p.275)

Deixar a família, os amigos, as paisagens da infância, os perfumes constituídos em memórias e se lançar à viagem atlântica, no caso português, foi impulsionado,

* Mestre em História Cultural pela Faculdade de Letras do Porto – Portugal. Professor de História das Revoluções das Faculdades Arnaldo Jansen e Professor Substituto de História da Arte e Formação do Mundo Contemporâneo da PUC MG. E-mail para contato: ricardomoreirafigueiredo@yahoo.com.br.

¹ Portugueses.

principalmente, por interesses e ou necessidades econômicas². A industrialização falhada e os privilégios singulares concedidos pelos governos lusitanos oitocentistas a algumas famílias e grupos sociais, juntamente com a lentidão das inovações agrícolas, os baixos salários, o peso dos tributos e encargos hipotecários, limitaram o aburguesamento dos campos. (MARTINS, 1956, p.108) O que, somado ao ataque da filoxera³, intensificou a dependência econômica e a emigração para o Brasil, a qual funcionou como válvula de escape para as pressões sociais internas. (FIGUEIREDO, 2005, p.87) Segundo Castro:

Em todas as aldeias próximas, em todas as freguesia das redondezas, havia o mesmo anseio de emigrar, de ir em busca de riqueza e continentes longínquos. Era um sonho denso, uma ambição profunda que cavava nas almas, desde a infância à velhice. O ouro do Brasil fazia parte da tradição e tinha prestígio duma lenda entre aqueles povos rudes e simples. [...] Palavra mágica, o Brasil exercia ali um perene sortilégio e só a sua evocação era motivo de visões esplendorosas, opulência deslumbrante e vidas libertas. Sujeitos ao ganha-pão diário, sofrendo existência mesquinha, os lugares sonhavam redimir-se, desde as veigas em flor ao dorso das serranias, pelo ouro conquistado no país distante. (CASTRO, 1945, p.30-31)

Apesar de se encontrarem um pouco por várias partes do país, os portugueses se concentraram no Pará, em São Paulo e, especialmente, na cidade do Rio de Janeiro, onde minhotos já exerciam forte influência sobre os mercados da capital, tendo influenciado inclusive a fala carioca. Segundo Chalhoub, a análise do censo de 1890 mostra que os imigrantes lusitanos chegaram a representar 20% da população local. (CHALHOUB, 1986)

Esses imigrantes preferiam os centros urbanos às áreas rurais, acreditando que naqueles seria possível realizar seus desejos de autonomia e enriquecimento. Entretanto, essas expectativas, na maioria das vezes, foram frustradas. Embora muitos emigrados tivessem como padrões seus próprios parentes ou conterrâneos, donos de comércios e gerentes, a exploração foi excessiva, como relata Ribeiro,

² Os fluxos emigratórios foram constituídos prioritariamente por jovens do sexo masculino, advindos do Minho, da Beira-Alta e da Estremadura, que após anos de trabalho, sonhavam em regressar enriquecidos e influentes para sua Lusitânia ou, pelo menos, em melhores condições de vida. (MARTINS, 1956, p.48)

³ Filoxera (*Daktulosphaira vitifoliae*) é o nome comum de um inseto – hemíptero da família *Phylloxeridae* – que, a partir do último quartel dos Oitocentos, se constituiu como a praga mais devastadora dos vinhedos portugueses.

acordar às 5 horas no verão, e às 6 horas no inverno, ou às 4 horas, no caso dos caixeiros dos secos e molhados, bem como o cerrar as portas às 10 horas da noite, que incentivou alguns caixeiros a reunirem-se e formarem as primeiras associações. Desde então começaram a brigar pelo fechamento das portas aos domingos, só efetivamente conquistado em 1911, ao menos de acordo com a letra da lei. (RIBEIRO, 1990, p.42)

Embora a cidade do Rio de Janeiro tenha se tornado atrativa aos imigrantes portugueses, esses aceitavam salários “exíguos que em seu Portugal jamais pensaram em aceitar. Por isso, começaram a ser chamados de galegos por seus próprios patrícios⁴.” (RIBEIRO, 1990, p.17)

O trânsito de pessoas, hábitos, bens materiais, saberes e culturas ajudaram a formar características identitárias específicas de um lado e do outro do Atlântico. Dentro desses contextos, alguns portugueses nunca voltaram, outros apenas a passeio e um terceiro grupo, após muito esforço e saudades, regressou para sua terrinha, não havendo uma correspondência linear referente à proporção de riquezas acumuladas. Segundo as condições materiais e a linguagem popular do final do século XIX e início do século XX, “uns voltaram ‘brasileiros’, os que ‘vinham’⁵ com uma riqueza assinável, outros (menos afortunados) apenas ‘abrasileirados.’” (ALVES, 1994, p.258 – Grifos do autor)

Os brasileiros, com sotaque na fala, indumentados com calças brancas, casaco de canga, chapéu de Chili e anel de brilhantes, entre 1860 e 1920, época em que mais se percebeu sua influência, promoveram consideráveis mudanças arquitetônicas na terra natal de Camões. (ALVES, 1998). A eles, deve-se também, além de parte do florescimento bancário português do século XIX, o investimento de fluxos monetários na escolarização, principalmente no âmbito da alfabetização.

Entre os anos de 1863 e 1873, a cidade do Porto se tornou o local de maior concentração de regressados, tornando-se eles os grandes responsáveis pelo comércio com o Brasil e ocupando um espaço privilegiado nos quadros de exportações portuenses só ultrapassado pelo vinho negociado com a Inglaterra. (ALVES, 1994, p.248) Dessa forma, com as algibeiras a se avolumarem, os retornados formavam uma célula considerável entre os membros mais influentes da cidade, como pontua Júlio Dinis em

⁴ Durante o século XIX, os habitantes da Galícia, inimigos seculares dos lusitanos, eram um dos grupos étnicos mais pobres da Península Ibérica.

⁵ Como Alves é um autor português e fala a partir da Europa, para um leitor brasileiro que se encontra em seu país o termo “correto” seria voltavam.

seu romance *Uma família inglesa* (1986) ao descrever o trânsito familiar do personagem Carlos Whitestone entre os mais graduados cidadãos da Cidade Invicta⁶:

Um dos muitos grupos, de que Carlos Whitestone se aproximou, compunha-se das mais graduadas individualidades da Praça. Carlos passou o braço por cima do ombro de um barão, enfiou o outro no de um capitalista brasileiro, e cumprimentou familiarmente um velho inglês, que estava na companhia também. (DINIS, 1986, p.78)

Os retornados enriquecidos chegaram a tornar-se parâmetro de divisão socioeconômica e urbanística do Porto, pelos hábitos e gostos que, dialeticamente, constituíram através dos vários anos passados no Brasil. Os torna-viagem eram percebidos no uso de cores mais claras, como o azul e o amarelo, nas fachadas de suas moradas, pela presença de plantas tropicais em jardins bem trabalhados e nas varandas douradas, onde os afortunados podiam se dar ao luxo de exposições embevecidas em ócio. (SILVEIRA, 1999)

Esta nossa cidade – seja dito para aquelas pessoas, que porventura a conhecem menos – dividi-se naturalmente em três regiões, distintas por fisionomias particulares.

A região oriental, a central e a ocidental.

O bairro central é o portuense propriamente dito; o oriental o brasileiro; o ocidental, o inglês [...].

O bairro oriental é propriamente brasileiro, por mais procurado pelos Capitalistas, que recolhem da América. Predominam neste umas enormes moles graníticas, a que chamam palacetes; o portal largo, as paredes de azulejo – azul, verde ou amarelo, liso ou de relevo; o telhado de beiral azul; as varandas azuis e douradas; os jardins, cuja planta se descreve com termos geométricos e se mede a compasso e escala, adornados de estatuetas de louça, representando as quatro estações; portões de ferro, com o nome do proprietário e a era da edificação em letras também dourada; abunda a casa rectangulares e portas góticas, algumas com ameias, e o mirante chinês. As ruas mais sujeitas à poeira. Pelas janelas quase sempre algum capitalista ocioso. (DINIS, 1986, p.78)

Desde a década de 1830, de um modo geral, a volta dos emigrados não ultrapassou os 30% a 50%, havendo um crescente fenômeno de reemigração a partir da década de 1870, com a banalização das viagens transatlânticas pelo vapor encurtando-as de 45 para 15 dias. A partir da década de 1890, com a queda do câmbio no Brasil, o brasileiro, até então, sinônimo de riqueza e pompa, transformou-se em ex-emigrante.

⁶ A cidade do Porto é conhecida e valorizada pelos portuenses como Cidade Invicta por Napoleão não ter conseguido tomar essa urbe.

Contudo, essas pessoas, que passaram anos a trabalhar no exílio, arraigaram, junto a si, além da fama de riqueza, filantropia e poder político, o estereótipo de ganância, reles e vulgar. Sendo reconhecidos, sócioidentitariamente, como pessoas grosseiras, a portar roupas lamentosas, “pellos nas orelhas, e joanetes – os imensos joanetes que o Romantismo, de pé pequeno, nunca deixava d’accentuar, com um traço de sarcasmo e asco. Este boneco por dentro não tinha nada, nem phrases, nem palha”. (MAGALHÃES, 1886, p.10)

Eça de Queiroz, com sua irônica pena, reforça a estereotipia deselegante e esnope do retornado, considerado por ele o homem que

mais evidentemente symbolisava a Acção aos olhos turvos do Romantismo – era esse labrego (*o brasileiro*), que, largando a enxada, embarcava para o Brasil num porão de galera, com um par de tamancos e uma caixa de pinho, - e annos depois volta de lá, na Mala real, com botas novas de verniz, grisalho e joncudo, a edificar um palacete, a dar jantares de leitão ao abade, a tramar eleições a ser barão. (QUEIROZ, 2000, p.7)

O teste probatório: o torna-viagem em “A brasileira de Prazins”

Camilo Castelo Branco (1825-1895) funde em sua obra *A brasileira de Prazins* (1975), o paralelismo de sua vida conturbada e do amor por Ana Plácido, a qual desposou o brasileiro Manuel Pinheiro Alves. Esse paralelismo influenciou o intelectual português a disseminar o perfil estaparfúdio e endinheirado do regressado, que carregaria em sua mala, junto aos tostões suados no Brasil, a sede pelo poder, a abnegação dos valores sensíveis e a ânsia material incontida.

Para Aníbal Pinto de Castro, a literatura camiliana pode ser considerada de grande relevância para os estudos históricos do presente tema, como se percebe a seguir:

A personagem e a personalidade do brasileiro eram, pois, demasiado evidentes no tecido da sociedade portuguesa de Oitocentos pra que Camilo, sempre atento à realidade que o envolvia, lhe ficasse indiferente, como criador de ficção. E não admira, por isso, que no seu carácter ficcional (e apenas dele!) a novela camiliana tenha um valor probatório, em termos históricos, quase diria tão importante como os documentos que se guardam nos arquivos. (CASTRO *apud* ALVES, 1998, p.200)

Para Saraiva e Lopes (1989), embora *A brasileira de Prazins* não transpareça claramente o intuito de seguir a corrente naturalista, acaba por indicar traços dessa corrente que Camilo Castelo Branco não subtraiu ao romance. O enredo se baseia no

amor descontente entre Marta de Prazins e o rico herdeiro José Dias, que falece tísico ao perceber sua mãe impedir os planos de seu casamento. Não agradava à progenitora compactuar com a união do filho com uma rapariga de condição social subalterna. Já Simeão, pai de Marta, homem de ganância incontida, impeliu a filha, em seu leito de morte, a prometer união matrimonial ao tio Feliciano Rodrigues Prazins, rico e recém-regressado de Pernambuco.

Assim, a jovem comprometida, em luta com seus sentimentos e valores, impulsionada por uma paixão idealizada pelo já falecido José Dias, entregou-se à loucura e à epilepsia, enquanto o marido, cada vez mais avarento, continuou a conter despesas e a acumular fortuna. Para Branco, ele fazia “operações aritméticas em voz alta como os velhos poetas inspirados faziam madrigais numa declaração rítmica ao ar livre e ao luar. O certo é que ninguém o apanhava em intervalo escuro para o defraudar um vintém.” (BRANCO, 1975, p.15)

O Feliciano é o homem mais rico destes arredores, e vivem como os cabaneiros, de caldo e pão de milho. Ele, quando vai ao Porto recebe um alqueire de soberanos que lhe vem do Brasil todos os anos, vai a pé, e mete ao bolso uma côdeas de broa e quatro maçãs para não ir à estalagem. (BRANCO, 1975, p.15)

Ainda como caricaturização aviltante do brasileiro, o autor reforça seus traços de mesquinhez, sovinice e quase assexualidade, construindo um personagem que se preocupa apenas em economizar e enriquecer.

Muito míope, usava de monóculo redondo num aro de búfalo barato. Como era econômico até à miséria, dizia-se em Pernambuco que o Feliciano usava um vidro só para não comprar dois; e que, se pudesse, venderia um olho como coisa inútil. Com a economia e o trabalho bem propiciado em trinta anos arredondara trezentos contos. Chegara aos quarenta e sete, ao outono da vida, sem ter amado. Nunca se conspurcara nos latfubulos da Vênus vagabunda. A sua virgindade era admirada e notória [...] para ser rico não tinha precisão de mulher, que vira algumas meninas pobres a namorá-lo; mas que desconfiara que lhe namorassem o seu dinheiro. Não tinha queda para o sexo, que ele dizia seixo. “Não me deleitam os homens, não tão-pouco as mulheres.” (BRANCO, 1975, p.147)

E no contínuo esforço de denegrir o brasileiro Manuel Alves, na voz do vigário de Caldelas, Camilo finda sua novela, alfinetando-o.

Aí tem o brasileiro de Prazins, se nunca o viu – dizia-me há três meses o padre Osório mostrando-me no mercado de Famalicão um velho escanifrado, muito escanhado, direito, com o monóculo fixo, vestido de cotim, com um

guarda-pó sujo, esfarpelado na abotoadura, e uma chibata de marmelo com que sacudia a poeira das calças arregaçadas.

Tem oitenta e quatro anos – continuou o vigário de Caldelas –, veio a pé de sua casa, que dista daqui légua e meia, janta um vintém de arroz, bebe outro vintém de vinho, tem quinhentos contos, e volta pra casa a pé, através ou pouco menos das suas catorze quintas. Com a frugalidade, com o exercício e com o seu egoísmo sórdido viverá ainda muito tempo, porque o velho Alexandre Dumas disse que os egoístas e os papagaios viviam cento e cinquenta anos. (BRANCO, 1975, p.149)

Em *A brasileira de Prazins*, sabendo-se que as generalizações são perigosas e muitas vezes obtusas, não são consideradas as privações e sacrifícios vividos pelos brasileiros na ex-colônia portuguesa, além das benesses materiais proporcionadas pelos mesmos em relação ao país de origem.

Mesmo que a maioria dos emigrantes não tenha voltado enriquecida, não se pode negar que o pequeno pé-de-meia, além de possibilitar melhorias em suas residências, investimentos discretos em suas propriedades agrárias, ainda lhes permitia ostentar um padrão de vida superior à média nacional. Sem mencionar que as remessas enviadas para os parentes, as doações, os investimentos em capitais da dívida pública, a negociação de ações e a compra de imóveis para o futuro retorno, transformaram-se em ações fundamentais para o equilíbrio da balança comercial lusitana, tanto no nível local como nacional. (ALVES, 1998, p.344-345)

Dispersando a nódoa sovina: “O brasileiro Soares” por Luís de Magalhães

Considerando-se o “truísmo da interdependência estreita existente entre os estudos literários e as ciências sociais” (SEVCENKO, 1985, p.20), Luís de Magalhães, em sua obra *O brasileiro Soares* (1886), tenta humanizar a difundida estereotipia dos brasileiros, “que apparecia como uma nodoa escandalosa no suave idyllio portuguez! [...]” (MAGALHÃES, 1886, p.13) Reconhecendo que:

elle, como o seu visinho, é homem, um mero homem, nem ideal nem bestial, apenas humano: talvez capaz da maior sordidez, e talvez capaz do mais alto heroísmo: podendo bem usar um horrível collete de seda amarella, e podendo ter por baixo d’elle o mais nobre, o mais leal coração: podendo bem ser ignóbil, e podendo, porque não? Ter a grandeza de Marco Aurélio. (MAGALHÃES, 1886, p.14-15)

Essa análise não reducionista sobre o torna-viagem também é defendida por Ribeiro (1990) ao elucidar que se, por um lado, os emigrantes lusitanos eram considerados exploradores, principalmente em relação aos seus empregados, inclusive

portugueses, paradoxalmente, eram postos em relevo e valorizados devido a alguns traços de suas condutas sociais, como a exaltação do trabalho duro, da disciplina e de suas crenças cristãs.

No final do século XIX⁷, a predileção pelo trabalho português no Rio de Janeiro pode ser retratada a partir de anúncios de empregos que os privilegiavam em detrimento, principalmente, dos negros egressos da escravidão: “Precisa-se senhora portuguesa para [...]” ou “Precisa-se moço português, recém-chegado da terra, para [...] eram a ordem daqueles dias.” (RIBEIRO, 1990, p.46)

O que não garantia, contudo, um salário digno e uma vida decente aos recém-chegados de Portugal, tal como o personagem Joaquim Soares, que ainda criança foi trabalhar na Bahia como marçano para seu tio Manoel, que o explorou como escravo. Somente depois de muitos anos de árduo labor, conseguiu ocupar o cargo de caixeiro, o que lhe possibilitou o início de uma condição socioeconômica um pouco melhor.

Contudo, a ambição não o cegava, não lhe permitia invejar o pão alheio, nem vender seu caráter em prol de algum bem material. Seus sentimentos eram pouco polidos, mas sinceros e profundos, sua honestidade era inquestionável, ficando a escrituração e o cofre da loja em suas grosseiras mãos cabeludas.

Após doze anos de dedicação, de trabalho intenso e contínuo, de cuidados, de sacrifícios pessoais e com um ordenado ainda miserável, seu tio veio a falecer, “deixando-lhe somente uns botões de ouro que não chegariam a valer duas moedas fortes.” (MAGALHÃES, 1886, p.12) Nem uma atitude de reconhecimento, uma palavra amiga, apenas a frieza, a rudeza e o desdém. Todo o patrimônio foi deixado para um filho bastardo e desconhecido, enquanto Joaquim, tomado por uma ingênua compreensão, pôs-se a cumprir, sem contrapontos, o último desejo do falecido. “Antes ser roubado do que roubar... Primeiro que tudo quero o socego cá de dentro. [...] toda uma lisura de negócios e um timbre de cavalheirismo que, dia a dia, lhe confirmavam mais a reputação”. (MAGALHÃES, 1886, p.43)

Entretanto, com a experiência acumulada, resolveu buscar o lucro, imprimindo à conquista e posse do dinheiro sua condição de intransigente honestidade. Possuía ambição e por ela lutava, mas não justificava posturas corruptas ou injustas para alcançar seu sonho financeiro, ajudando seus conterrâneos em dificuldades,

⁷ Principalmente após a abolição da escravidão, em 1888.

contribuindo para asilos, caixas de beneficência, hospitais e escolas, e demonstrando, assim, um perfil de homem honesto, caridoso e trabalhador do emigrado lusitano.

Já com seus quarenta e sete anos de idade e trinta e dois de trabalho, conseguiu liquidar um rendimento de mil libras. Achou que era tempo de se reformar capitalista, de regressar ao seu Minho, tantas vezes relembrando, para gozar em paz o fruto de uma tão longa jornada de trabalho. Vendeu seus negócios, escreveu para os seus, despediu-se dos amigos e, com os olhos úmidos pela saudade e por seu coração dividido, partiu para Portugal.

Essa descrição literária sobre os brasileiros se aproxima dos perfis gerais levantados por Alves (1994), ou seja, de quarentões que não voltavam milionários, mas que tinham condições de se estabelecerem de forma independente através de um pequeno comércio, oficina ou exploração agrícola. Os que voltaram afortunados formaram, efetivamente, grupos muito reduzidos, os quais, em sua maioria, passaram várias décadas no Brasil para conseguir acumular suas fortunas.

Anos de emigração	Nº de casos	% do total	Riqueza (mil réis)	Riqueza média
0-4	203	26,1	240801	1186,2
5-9	197	25,4	55224	2803,2
10-14	126	16,2	778541	6178,9
15-19	105	13,5	1920545	18290,9
20-24	64	8,2	1144010	17875,2
25-29	49	6,3	1663050	33939,8
30-34	10	1,3	456150	45615,0
35-39	3	0,4	40000	13333,3
40-44	5	0,6	950000	190000,0
45>	3	0,4	280000	93333,3
Ind.	12	1,5	74500	6208,3
Totais	777	100,00	8099821	10242,5

Quadro 1 – Ciclo migratório e riqueza no retorno (1863-1873)

Fonte: ALVES, Jorge Fernandes. *Os Brasileiros: emigração e retorno no Porto Oitocentista*. Porto, p.269, 1994.

Ao retornar à Ibéria, o brasileiro Soares tomou a direção de sua aldeia natal, Guarda, a qual lhe recebeu em peso, trazendo nas lágrimas o anseio que aquele homem corpulento e grisalho se tornasse o “Messias da localidade, [...] o thesoureiro oficial de todos os que não tivessem dinheiro, o cofre inexgotável da população para todas as phantasias do fomento de campanário.” (MAGALHÃES, 1886, p.65)

Essa passagem pode ser considerada uma metáfora da esperança material que algumas aldeias minhotas nutriam pela volta de seus emigrados, sendo que alguns dos ex-desterrados, entendendo ser seu dever cristão, ajudaram a reformar igrejas, construir escolas e ou contribuir com outros projetos sociais.

O personagem Soares, bom comerciante, comprou a quinta do pai, onde um depósito de juntas de bois de ceva passou a seguir para os paquetes ingleses pelo cais de Massarelos. Sua família exercia forte influência na localidade. Seu irmão mais velho, o padre Ignácio, era abade da freguesia; seu irmão Ricardo era médico no partido de Soutello e seu cunhado Francisco Silva havia se tornado um conhecido homem político da localidade.

Embora fossem reconhecidos socialmente, viam com cobiça a chegada do parente enriquecido. Mas ninguém demonstrou maior expectativa que sua sobrinha, Ermelinda. “Ainda no paquete, sua sobrinha planejava friamente um meio de o ver deposto em seus pés. Achavam-na muito amiga do tio. O tio é um santo: morro por elle.” (MAGALHÃES, 1886, p.69)

Como um aracnídeo, Ermelinda teceu os fios de sua conquista, exalando um ar de inocência e integridade. Com a ajuda do tio e a atração irresistível de Joaquim, conseguiu levá-lo aos degraus do altar, tendo, como garantia:

um dote de quarenta contos em bons papeis de Credito Predial, com a doação explicita de todas as suas jóias e objectos de uso, Ermelinda tinha segura a grande amarra do seu futuro, a ancora da sua vida. [...] Tinha tudo prevenido para uma tempestade, e o mar da existência não a assustava já como outrora. (MAGALHÃES, 1886, p.166)

Porém, não demorou para que a sobrinha-esposa, desejosa por “machos bonitos e aceiados” (MAGALHÃES, 1886), passasse a se enamorar pelo administrador Alfredo Sampaio, jovem bacharel em Direito que havia saído, recentemente, dos bancos da Universidade e fora colocado em casa, ingenuamente, pelas mãos do próprio marido. Após se entregar à lassidão adúltera, as noites ao lado de Joaquim se tornaram um tormento. Às vezes, quase chorava ao se recordar do corpo efeminado e claro de Alfredo, de sua pele fina e macia e de todos os seus requintes de galanteio.

Desconfiado, o abade passou a mandar cartas anônimas para a menina, sem muitos resultados, o que apenas a impulsionou, frente à luxúria, a arquitetar friamente, e sem remorsos, sua fuga com o amante, deixando o traído brasileiro jogado à sua própria quimera e robustez. “Mentira-lhe sempre, enganara-o, enredará-o, tentara-o,

conquistara-o traiçoeiramente. Entrára-lhe no coração, de manso, como os dentes venenosos [...].” (MAGALHÃES, 1886, p.354)

Joaquim estava em Régua, tratando de negócios, quando recebeu o aviso para voltar. Ficou atordoado, sem saber o que realmente havia acontecido, passando por momentos de grande angustia e ansiedade. Ao chegar, apercebendo-se da traição:

Um riso de desdém assomou-lhe aos lábios. Em frente estava uma consola com um espelho. Alluminou-se com um castiçal e olhou. Achou-se hediondo e teve para a sua fealdade uma gargalhada de desprezo, digna de Diógenes. Que mostrengo! A pelle dura e negra; o cabelo basto e curto, já grisalho, fazendo-lhe como um capacete ajustado ao craneo; a suissa áspera, o olhar idiota, as narinas grossas e chatas de *Bull-dog*, a boca larga, de beiços brutaes, arqueando-se n’um sorriso alvar de patego! [...] E queria amor – aquilo?! Mas para elle bastava a sensação, o erotismo animal das sadias naturezas camponias, o corpo musculoso e grosso d’uma Vênus de freguesia! [...] – Ah! Ah! Ah! Ria como desvairado [...] E fui casar-me com uma mulher que parecia um anjo! [...] Forte besta! Foi bem feito [...]. (MAGALHÃES, 1886, p.357-358)

Estremecido pela dor, pela hipocrisia e pela insensibilidade alheia, não suportou sua mágoa, e com um tiro, pôs fim à sua vida, tombando de costas no sobrado, estampando no rosto uma boca “que sorria com um riso indizível, mixto de despreso, ironia e piedade, fixado na rigidez da mascara como a crystallisação physionomica dos seus últimos sentimentos – de sceptiscismo, de desengano e de perdão!” (MAGALHÃES, 1886, p.362-363)

Entre *O brasileiro Soares* e *A brasileira de Prazins*, percebem-se dois extremos entre a bondade e a crueza, a benevolência e a avareza. Dois pontos entre os quais, levando em consideração os limites humanos e psicológicos, circularam homens de várias posturas, sentimentos e atitudes, que amaram, choraram, cobiçaram e regressaram para sua saudosa Lusitânia. Mas, acima de tudo, homens de carne e osso, com desejos, medos e anseios, que, perante as aventuras transatlânticas e muita labuta, ajudaram a construir brasis e portugueses.

Abstract

This article is concerned with the Portuguese emigration to Brazil, focusing on those who returned to Portugal during the second half of the 19th century and the beginning of the 20th century. This study aims to analyze the history of some Portuguese Literature during this time, seeking to understand the emigration causes, the return of the emigrants, the profile of those who returned to Portugal and the economic and cultural consequences of this process. Two novels are emphasized in this research: *A Brasileira de Prazins*, by Camilo Castelo Branco and *O Brasileiro Soares*, by Luiz de Magalhães.

Keywords: Homecoming people; Cultural identification; Economic necessities.

Referências

ALVES, Jorge Fernandes. *Os brasileiros: emigração e retorno no Porto Oitocentista*. Porto: Gráficos Reunidos, 1994.

ALVES, Jorge Fernandes (coord.). *Os brasileiros da emigração*. Vila Nova de Famalicão: Câmara Municipal de Vila Nova de Famalicão, 1998.

BRANCO, Camilo Castelo. *A brasileira de Prazins: cenas do Minho*. Porto: Lello & Irmão, 1975.

CASTRO, Ferreira de. *Emigrantes*. 7. ed. Lisboa: Guimarães, 1945.

CHALHOUB, Sidney. *Trabalho, lar e botequim: o cotidiano dos trabalhadores no Rio de Janeiro da belle époque*. São Paulo: Brasiliense, 1986.

DINIS, Júlio. *Uma família inglesa*. Porto: Livraria Civilização, 1986.

FAUSTO, Boris. *História do Brasil*. São Paulo: Edusp, 1998.

FIGUEIREDO FILHO, Ricardo Moreira. Literatura lusofônica e a emigração portuguesa rumo ao Brasil (1850-1914). *Cadernos de História*. Belo Horizonte, v. 7, n. 8, p.84-102, out., 2005.

MAGALHÃES, Luiz de. *O brasileiro Soares*. Carta prefácio de Eça de Queiroz. Porto: Lugar & Genelioux, 1886.

MARTINS, Oliveira. *Fomento rural e emigração*. Lisboa: Guimarães & C^a, 1956.

MATTOSO, José. *História de Portugal*. vol 5-6. Lisboa: Estampa, 1993.

QUEIRÓZ, Eça de. *Notas Contemporâneas*. Lisboa: Livros do Brasil, 2000.

RIBEIRO, Gladys Sabina. *Mata galegos: os portugueses e os conflitos de trabalho na república velha*. São Paulo: Brasiliense, 1990.

SARAIVA, António José; LOPES, Oscar. *História da literatura portuguesa*. 15. ed. Porto: Porto Editora, 1989.

SARAIVA, António José; LOPES, Oscar. *História da literatura portuguesa*. 17. ed. Porto: Alberto de Oliveira LDA, 1996.

SEVCENKO, Nicolau. *Literatura como missão: tensões sociais e criação cultural na Primeira Republica*. 2. ed. São Paulo: Brasiliense, 1985.

SILVEIRA, Jorge Fernandes da (org.). *Escrever a casa portuguesa*. Belo Horizonte: EDUFMG, 1999.